

## O BRUXO E O LOUCO: a sátira e a chalaça nas crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto

Prof. Dr.: Idemburgo Frazão (Unigranrio) <sup>1</sup>

### **Resumo:**

*A partir da discussão sobre a natureza híbrida da crônica, intenta-se aqui tratar das diferenças e semelhanças do uso da sátira por Lima Barreto e Machado de Assis. Da sutileza da crítica do Bruxo do Cosme Velho e dos “tapas verbais” do chamado morador da casa do louco, põe-se em diálogo a ficção e o fato jornalístico; a ironia machadiana e a “chalaça” presente na crônica de Lima Barreto.*

**Palavras-chave:** *Crônica - sátira - Machado de Assis, Lima Barreto; ironia.*

Tida por muito tempo como gênero menor, a crônica, hoje, recebe atenção cada vez maior do público e dos especialistas em termos literários e se caracteriza como um gênero híbrido, o que combina com os acelerados tempos do pós-modernismo, marcados pela fragmentação e pelo ecletismo. Na atualidade, uma crônica pode se aproximar de um conto; um conto pode apresentar aspectos a um poema. Enfim, dependendo da capacidade artística, a definição precisa dos gêneros se torna bastante difícil, pois é comum aos gêneros literários assumirem um caráter polimórfico. Por isso, pode-se afirmar, utilizando-se um paradoxo, que os limites dos gêneros literários são ilimitados.

A discussão sobre a literariedade presente nas crônicas, e também nas cartas e alguns outros tipos de texto é cada vez mais presente e necessária. A própria desconstrução do que previamente seria elencado nos trâmites literários torna-se importante, já que a matéria literária também tem uma natureza metamorfósica e polissêmica. O salto qualitativo da obra literária, na contemporaneidade, situa-se no campo da desconstrução das grandes narrativas. Desde os primeiros modernistas, a literatura assumiu o compromisso com as experimentações e subversões. Com o desenvolvimento dos estudos de Jacques Derrida, dentre outros autores, a desconstrução, a revisão dos cânones, em vários aspectos, tornou-se muito relevante. Não se trata de destruir a tradição, mas quando possível, recriá-la, dotá-la, de novos viços. É assim que as epístolas, a crônicas e outras espécies de texto vêm recebendo atenção menos preconceituosa por parte dos estudiosos da literatura. O exemplo das cartas, em sua tradição secular é um exemplo importante. As epístolas vêm retomando sua importância na contemporaneidade. E isso se dá em um momento em que as novas mídias aumentam sua influência nessa era da globalização e da informática. Como o eixo do presente artigo é crônica, a rica discussão sobre as cartas na contemporaneidade ficará para um outro momento. Passa-se agora, ao estudo proposto sobre as crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto.

As crônicas dos dois escritores aqui destacados, em sua maioria, são dotadas de características diferentes. Machado de Assis aborda questões diversas pondo o humor e a ironia como escudos que ao mesmo tempo protegem o cronista e divertem o leitor, sem que deixem de apresentar um forte caráter crítico. Já as crônicas de Lima Barreto costumam, quando não nomeiam efetivamente a coisa ou a pessoa criticada, ir diretamente ao problema deixando geralmente o humor como “golpe de misericórdia”, ou seja, primeiro dispara a queima roupa, citando pessoas ou grupos, utilizando expressões e palavras que expõem os mesmos ao julgamento social.

Enquanto as crônicas do bruxo deixam estilhaços e ou veneno que corrói aos poucos, sem que quem é ferido perceba bem como foi atacado, as crônicas do morador da casa do louco são disparadas, como se disse, a queima roupa. O riso, no caso do primeiro é provocado na base do humor crítico, no segundo da crítica ríspida e muitas vezes vexatória. Nesse caso, Barreto se aproxima de Gregório de Matos, com suas sátiras contundentes, Machado encarna espíritos mais aristocráticos britânicos, de Swift e Sterne.

Para demonstrar a diferença entre os estilos, escolheu-se aqui uma crônica de cada autor para analisar de forma sintética. A escolha se deu pelo tema: transportes públicos. Machado de Assis trata dos *bonds* e Lima Barreto dos trens.

Começemos pelo Bruxo. Assim inicia a crônica de 4 de julho de 1883, inserida em *Balas de Estalo*:

Ocorreu-me compor umas certas regras para o uso dos que freqüentam *bonds*. O desenvolvimento que tem sido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho. Basta saber que tem nada menos que setenta artigos. (ASSIS, 1992, P. 414)

A criatividade do cronista já se põe em primeiro plano. Ele se propõe a criar supostas regras de convívio nos bondes. A graça surge na estranheza de tal procedimento e mais ainda no tom jocoso e indireto das críticas. Os primeiros atingidos são os encatarroados, depois os leitores de jornal, seguidos pelos amoladores, atiradores de perdigoto, dentre vários outros que os seguem. O humor já se pronuncia no tipo de “delito” criticado. Como todos os leitores reconhecem de imediato os incômodos que tais “recalcitrantes” causam nos meios de transportes, lêem com atenção e curiosidade a seqüência das regras que se aproximam da piada. “Os encatarroados podem entrar nos *bonds* com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro”. A impossibilidade de pôr em prática tal regra dá à própria um caráter de pilhéria aparentemente despretensiosa em termos críticos. Mas a potência dessas *balas* de estilo contidas em *Balas de Estalo* é perene. Trata-se da crítica ao comportamento humano em geral. Perdigoto, catarro, servem apenas para pôr nas “balas” um teor bélico mais potente, pela via do humor. O leitor é atingido no momento mesmo em que ri.

Se o artigo primeiro das regras contidas nessa crônica de 4 de julho de 1883 se refere aos encatarroados, não trata “Da passagem das senhoras”. “Quando alguma senhora entrar o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas como porque é uma grande má-criação”. O humor, nesse “artigo” se encontra na aparente obviedade relativa ao relacionamento interpessoal em suas regras mínimas. É esperável que as pessoas sejam bem educadas, mas não o são. O óbvio, portanto, não é tão óbvio assim. O cronista apresenta o cotidiano com humor, ironia, com marcas de reflexão profunda, fazendo com que a crônica torne-se, ao mesmo tempo, produto jornalístico e obra literária.

As duas faces se expõem simultaneamente. Ser híbrida não é um defeito, e sim qualidade nas mãos de cronistas como Machado de Assis, Lima Barreto, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, só para citar alguns dos mestres da crônica no Brasil. O artigo IV “Dos quebra-queixos”, contido em *Balas de Estalo*, confirma essa potencialidade da crônica machadiana de permitir reflexões acerca de questões profundas sobre a natureza egocêntrica das atitudes humanas, a partir de fatos e assuntos corriqueiros do cotidiano. Atual, esse trecho da crônica trata dos fumantes. Machado usa uma denominação popular dos charutos baratos, ordinários (quebra-queixo), que também já receberam outras denominações populares como mata-rato ou mata-ratos. O Artigo IV é um dos mais curtos e simplesmente propõe que não se perturbe os passageiros que não querem ficar “defumados”: “É permitido o uso de quebra-queixos em duas circunstâncias: - a primeira quando não for ninguém no *bond*, e a segunda ao descer”. Parece simples, não? Pois sabe-se que não é. Muito depois do surgimento desses peculiares artigos da crônica machadiana, o problema dos fumantes efetivamente recebeu inclusive atenção legal. É de lei. Os quebra-queixos e similares não podem ser fumados a esmo. Há hora para tudo, diria o irônico cronista-pregador. Machadiano. Novamente o óbvio serve de para reflexões amplas sobre as atitudes humanas cotidianas. E a crônica, que tem no cotidiano sua matéria bruta, se investe de elementos próprios do poema e do conto, guardadas as proporções de gênero. Os direitos dos cidadãos não são respeitados, em diversos níveis. Aparente-

mente fútil, o artigo sobre os quebra-queixo tem individualismo e mesmo o egoísmo humano sua principal questão.

Os romances e contos machadianos estão repletos de exemplos de passagens em que as atitudes humanas são postas em xeque. A boa crônica atrai o riso e o riso. Ou seja, não se trata de um riso “distraindo”. O humor surge a partir da reflexão instantânea que a sátira provoca. A troça, a ironia e mesmo a chalaça provocam o leitor atento. Aliás, a potência bélica das balas de estilo machadianas é aumentada ou diminuída, de acordo com a argúcia de quem lê as crônicas. A graça pode estar na desgraça, mostram os artigos dessa crônica de 2 de julho de 1883, contida em Balas de estalo. O que está em jogo não são os meios de transporte e sim a condição humana. A crônica, por estar próxima da notícia, do fato jornalístico ainda carrega o peso do momento em que é escrita, mas não perde sua potência crítica, pelo menos no caso de autores como Machado de Assis. Ao contrário, a crônica machadiana, propositadamente, injeta poções suaves, menos potentes que as contidas nos contos e crônicas, mas não menos importantes. A ironia e o humor sutis inoculam no leitor atento as mesmas substâncias críticas propostas pelo ficcionista que, nesse momento, utiliza a crônica como veículo propiciador da reflexão. O nível de tal reflexão dependerá do leitor.

Passando à crônica de Lima Barreto referente aos meios de transportes coletivos, cita-se um pequeno trecho para iniciar o comentário:

À tarde, a feição do trem muda; é mais complexa, porque se misturam burocratas, militares, “almofadinhas”, meninas de Normal e da Música, tudo de cambulhada, ficando a fisionomia do trem muito confusa, de forma que é difícil tirar um traço seguro dela. (BARRETO, 2004, p. 470)

Embora a crônica limabarretiana também costume utilizar o humor como parte dos petardos críticos, a marca desta de 21 de dezembro de 1921, publicada na Gazeta de Notícias, é o seu caráter mais antropológico. Há uma espécie de estudo de tipos. Os burocratas (grupo em que Lima Barreto se insere), os militares, as meninas do Normal (futuras professoras), dentre outros, são tipos que se misturam em um veículo coletivo. A feição do trem, segundo o cronista, muda. Esse analista do comportamento dos passageiros emite opiniões sobre os tipos e sobre as classes sociais. “Os cavaleiros, com suas roupas a prestações, também se arriam à moda dos “almofadinhas” das confeitarias de *rende-vous* elegantes”. É direto o tiro, com balas de estalo. Que estalam sem sutilezas. Os donos das confeitarias podem estar sendo comparados a cáftens e as freqüentadoras a prostitutas. Os jovens suburbanos, os “almofadinhas”, segundo o cronista, querem competir com os cavaleiros de Botafogo, mas têm que alugar as roupas. Essa crônica inteira apresenta opiniões sem as dubiedades da ironia fina que caracteriza o cronista Machado de Assis. “Os vestuários, continua o cronista, com raras exceções, são exageradíssimos. Botafogo e Petrópolis exageram Paris; e o subúrbio exagera aqueles dois centros de elegâncias”. (BARRETO, 2004, 469)

A crítica à frivolidade humana, nessa crônica, é realizada de forma mais direta, fixando o local em que os fatos ocorrem. O cotidiano é o carioca, dos trens com sua variedade de passageiros. O suburbano e os membros da elite são criticados juntamente. Ou seja, o escritor não privilegia grupos ou escamoteia opiniões. A crítica estala sem subterfúgios, mesmo quando o cronista sabe que irá contra a preferência nacional:

O execrável *football* também é conversa obrigada das moças e senhoras que gastam em saber nomes e coisas de tão nefando jogo uma energia mental que podia ser mais bem-empregada na administração de suas modestas casas. (BARRETO, 2004, p. 469)

Contra a maioria, o cronista emite sua opinião. Com certeza muitas pessoas concordam com ele, mas poucos ousariam desafiar a opinião da maioria. Lima Barreto o faz sem sutilezas, propositadamente. Em outras crônicas e mesmo nesta, o escritor demonstra habilidade também no uso da ironia mais aos moldes machadianos. Mas Barreto não quer, na maioria das vezes, permitir a dupli-

cidade de sentidos possibilitada pela ficção. Se aproxima bastante da crônica jornalística, dos editoriais dos jornais. O *football*, grafado em inglês, como era costume na época remete à cultura estrangeira e o cronista possui inclinações nacionalistas que não intenta ocultar. O contraste da classe em que tais moças e senhoras pertencem e o trato de questões aparentemente pueris são criticadas de maneira clara. A adjetivação é forte: execrável futebol, nefando jogo. O leitor está diante de uma afirmativa pessoal quase sem tratamento ficcional. Assim ocorre muitas vezes na crônica limabarretiana. A ao contrário do que ocorre na crônica de Machado de Assis.

Em Assis, a necessidade de dar lugar no bonde a uma senhora ou senhorita é apresentada de forma irônica, indireta. O comportamento das mesmas em relação ao trato do futebol é rechaçado diretamente. Mas se pode destacar uma passagem de humor nessa enorme crônica que inicia com sutileza, tratando de um álbum de desenho. O trecho final é caracterizado por um diálogo.

Vendo as meninas que os cavalheiros não se rendem aos seus sorrisos de ironia tendenciosa, mudam de tática; Iaiá toma a iniciativa de suspirar alto dizendo:

- Ai meu Deus! Em pé, até o Méier! Que inferno!

Nenê secunda:

- Ainda é feliz, porque vai até o Méier! E eu que vou até Quintino!

O sensível Guedes não resiste mais. Dobra o jornal e oferece o seu lugar às moças. (BARRETO, 2004, p. 471)

Este diálogo no trem permite que se remeta à regra número nove da crônica de Balas de Estilo, de machado de Assis, denominada “Da passagem às senhoras”, citada há pouco. A regra de cavalheirismo relativa à passagem das moças na crônica machadiana se assemelha ao ato de dar lugar às mulheres. Entretanto, a maneira como os cronistas abordam mostra a diferença de estilo dos mesmos. Na crônica machadiana, a pilhéria indica como “recalcitrante” que não cede lugar, na limabarretiana o foco está nas artimanhas das moças. Os artifícios para conseguir tirar os rapazes de seus lugares no trem está em primeiro plano, embora também demonstrem que os rapazes não seriam cavalheiros se as moças não utilizassem um estratagema que os constrangia, exatamente por expor sua indelicadeza. A delicadeza não se encontra nem nas moças nem nos rapazes, mas são estes últimos que são obrigados a ceder seus lugares. A crônica é arrematada, aí sim, com a sátira embutida na ironia e no humor:

Nunes embora amuado, em vista do procedimento do companheiro, vê-se obrigado a fazer o mesmo.

Lá se vão Iaiá e Nenê bem sentadinhas, enquanto Guedes e Nunes sofrem atrozes dores nos calos.

É verdade que, no carro, há pregados, em diversas parte, anúncios de calistas e remédios para calos. É curá-los. Só tem calos quem quer. (BARRETO, 2004, p. 471)

Aqui o procedimento do cronista se assemelha ao machadiano quando insere elementos de humor e dubiedade na crônica. Quem estaria mais próximo das atitudes condenadas no artigo nono da crônica machadiana? Quem não cedera lugar ou aquelas que forçaram os rapazes a ficar de pé, expondo seus calos. A questão dos anúncios com remédios para calos (que mostra aspectos do interior dos trens) ironiza os procedimentos dos personagens dessa crônica que também utiliza elementos dos contos: tais personagens.

A riqueza de detalhes dessas duas crônicas, aqui rapidamente analisadas, ainda renderia várias páginas. O mais importante nos trechos destacados foi mostrar como os dois cronistas aqui destacados tecem suas tramas em um gênero que por muito tempo foi tomado como menor. Machado de Assis com suas estratégias sutis e Lima Barreto com suas afirmativas mais diretas, não menos importantes, fazem da crônica um texto rico em termos literários embora esteja bem próximo do trato jornalístico dos acontecimentos.

A obra de Lima Barreto era considerada menor, nas primeiras décadas do século XX porque era comparada com a de Machado de Assis e com a de autores da estética ainda em voga naquele momento: o parnasianismo. O autor de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, distanciado da tonalidade maior da época em que inicia sua carreira, representada por essa magia da prosa do Bruxo do Cosme Velho e pelos poetas parnasianos, durante muitos anos ficou relegado a leituras superficiais e/ou preconceituosas. Hoje se percebe que a diferença de estilos é saudável.

Em Lima Barreto, as palavras beiram mais à chalaça que à ironia aos moldes machadianos. Esta, para usar as palavras de Machado de Assis, em *Teoria do Medalhão*, resvala e torna-se, algumas vezes, “gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias e arrebentar de riso os suspensórios.” (ASSIS, 2002, p. 294) A ironia é mais sutil, atinge indiretamente, é dissimulada, enquanto a chalaça se aproxima das brincadeiras infantis, do dito zombeteiro, da troça, a ironia pressupõe percepção das ambigüidades da linguagem. Não se trata aqui de propor a inferioridade da chalaça, mas de perceber as dimensões que atinge na crônica e de colocá-la em diálogo com a ironia no trato das obras ficcionais dos autores citados.

Como sugerira, no diálogo que constitui o citado conto “Teoria do medalhão”, o experiente pai, ao filho de vinte e um anos, diplomado, que entrava na vida pública, o rapaz não deveria usar a ironia, “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos desabusados.” (ASSIS, 2004, 294)

O potencial irônico incrustado nesse conhecido conto aponta para a clara diferença em relação à própria ironia inerente às obras do chamado ciclo dos romances da maturidade ficcional de Machado de Assis. Diferente deste, o humor advindo da chalaça é mais frontal. A ironia (e Machado de Assis diversas vezes a colocou nas palavras de seus narradores) é da linha de um Sterne, de um Xavier de Maistre. É mais sutil, mas não menos corrosiva.

O conselho dado pelo personagem de “Teoria do medalhão” critica a utilização da ironia pouco cuidadosa e afirma, a contrapelo, que é mais inerente ao brasileiro o duelo frontal com as palavras. Sem de maneira alguma desmerecer o humor das obras romanescas de Lima Barreto, afirma-se que seu teor bélico mais se aproxima da chalaça, pois revela um forte teor de franqueza e tensão. Pode-se dizer que a ironia (fina) carrega em si uma espécie de escudo protetor enquanto a chalaça (crítica mais explícita) expõe muito quem a profere. Machado de Assis, como poucos, soube lidar com esse escudo. Lima Barreto, embora tenha feito pular o sangue nas veias de muita gente, não deixou de receber muito mais que piparotes em troca.<sup>1</sup>

Na chalaça limabarretiana, instaurada em suas crônicas, freqüentemente projeta-se a “palmada no rosto do outro”, de peito aberto. Ao nomear o objeto, a pessoa ou os grupos criticados, o autor da chalaça automaticamente convida o opositor ao duelo verbal, quase às vias de fato. No mínimo, a sátira provoca o repúdio de quem é atingido. A sátira de Lima Barreto lhe rendeu muito sofrimento, como sabemos, mas o tornou um dos maiores escritores da nossa literatura.

Segundo Geir Campos, no prefácio da obra *Sátiras*, de autoria de Horácio<sup>2</sup>, “Horácio foi abrindo seu caminho, atacando a gregos e troianos, mas precavendo-se para não atingir cidadãos importantes – o que lhe dava margem a chamar os bois pelos nomes, como seu mestre fazia e era por isso mesmo respeitado.”<sup>3</sup> Já o morador da “casa do louco”, aqui estudado, recebia de volta as

<sup>1</sup> Essa discussão sobre a relação entre a ironia machadiana e a chalaça limabarretiana se encontram em: Félix, Idemburgo Frazão. **Burocracia como imaginação**: três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras. Tese de doutorado. UFRJ: 2000. 302 pp.

<sup>2</sup> Ver *Sátira sexta*. In.: Horácio. **Sátiras**. Trad. e notas de Antônio Luís Seabra e prefácio de Geir Campos. Rio de Janeiro: Tecnoprint: S.d. p. 41. (Os trechos aqui citados da obra de Horácio provêm do livro citado)

<sup>3</sup> Horácio. Op. Cit. P.13

bofetadas verbais que proferia em suas crônicas, talvez por não utilizar o estratagema horaciano, de não citar diretamente cidadãos ilustres e o machadiano de se resguardar na sutileza de sua estratégica ironia.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] FÉLIX, Idemburgo Frazão. **Burocracia como Imaginação**: três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Ciência da Literatura, 1999. 366 fl. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.
- [2] HORÁCIO. **Sátiras**. Trad. e notas de Antônio Luís Seabra e prefácio de Geir Campos. Rio de Janeiro: S.d.
- [3] BARRETO, Lima. **Toda crônica: Lima Barreto**. Apresentação e notas Beatriz Resende; Org. Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- [4] MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Teoria do medalhão. In. \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- [5] MARTINS, Antônio. **Artur Azevedo: a palavra e o riso**. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1988.
- [6] PEREIRA, Lúcia Miguel. **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Graphia:Editorial: 1994.
- [7] SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In. Novais, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

---

## **Autor(es)**

<sup>1</sup> Idemburgo Frazão. Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ e mestre em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor de Literatura Brasileira na Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO